



VOZES DA ESPERANÇA:

Escrevivências de Mulheres
Privadas de Liberdade



PROJETO GRÁFICO:

LOGO DO PROJETO: Caroline de Oliveira Costa.

CAPA: Isadora Francisca Moura Doi.

Design realizado no CANVA®.

CONTRACAPA:

Marleide Rodrigues da Silva Perrude

ILUSTRAÇÃO DA CONTRACAPA:

Sarah Isabele Santos Neves

CAPA DOS CAPÍTULOS: Sarah Isabele Santos Neves

Design realizado no CANVA®.



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Vozes do esperar [livro eletrônico] :
escrevivências de mulheres privadas de
liberdade / organização Isadora Francisca Moura
Doi...[et al.]. -- Londrina, PR :
Ed. dos Autoras, 2025.
PDF

Outros organizadores: Bruna Gabriella Cunha de
Bem, Carolina Mateus de Oliveira, Margarida de Cássia
Campos, Patrícia Fernandes Paula-Shinobu
Bibliografia.
ISBN 978-65-01-83813-7

1. Cárcere privado 2. Cartas 3. Escrita
4. Histórias de vida 5. Mulheres - Prisioneiras
I. Doi, Isadora Francisca Moura. II. Bem, Bruna
Gabriella Cunha de. III. Oliveira, Carolina
Mateus de. IV. Campos, Margarida de Cássia.
V. Paula-Shinobu, Patrícia Fernandes.

25-321672.2

CDD-363.43098161

Índices para catálogo sistemático:

1. Mulheres : Cárceres : Problemas sociais
363.43098161

Suelen Silva Araújo Oliveira - Bibliotecária - CRB-8/11482

VOZES DO ESPERANÇAR: ESCRIVIVÊNCIAS DE MULHERES PRIVADAS DE LIBERDADE

Organizadoras

Isadora Francisca Moura Doi
Bruna Gabriella Cunha de Bem
Carolina Mateus de Oliveira (CRESS PR 16591)
Margarida de Cássia Campos
Patrícia Fernandes Paula-Shinobu

Colaboradora Responsável pela Oficina

Fernanda Alves de Lima-Discente de Graduação em Psicologia (UEL)

Professoras/es orientadores e comissão científica

Margarida de Cássia Campos

Professora Doutora Docente do Departamento
de Geografia da (UEL)

Patrícia Fernandes Paula-Shinobu

Professora Doutora Docente do Departamento
de Geografia da (UEL)

Alex Eduardo Gallo (CRP 06/57580-8)

Professor Doutor Docente do Departamento de Psicologia
Geral e Análise do Comportamento da (UEL)

A cada mulher que ousou escrever-se entre
muros, nosso mais profundo agradecimento.

Vocês fizeram da palavra, essa fresta de luz, um
ato de resistência. Entre as paredes que fazem o
calar, ergueram voz, memória e futuro.

Este livro nasce da coragem de quem ainda
inventa liberdade.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	15
INTRODUÇÃO	18
METODOLOGIAS INSURGENTES	20
EIXO 1: ESPERANÇA E LIBERDADE	26
EIXO 2: ARREPENDIMENTO E RESSIGNIFICADO	32
EIXO 3: FAMÍLIA E ESPIRITUALIDADE	41
PARA NÃO CONCLUIR...	52
REFERÊNCIAS	53
NOSSAS REDES	56
APOIO	56





PREFÁCIO



Debora Diniz (2015) afirma que a produção discursiva sobre o cárcere é majoritariamente de homens para homens. Segundo a autora, o “[...] campo do direito penal, da sociologia da punição e, mesmo, da criminologia é dominado por autores homens”. As cadeias estão abarrotadas de homens presos. Crime, castigo e autoria são questões masculinas” (p. 584).

Os homens são a esmagadora maioria dos reclusos de liberdade no Brasil. Segundo o Banco Nacional de Medidas Penais e Prisões (BNMP) (2026), o Brasil possui mais de 760 mil pessoas aprisionadas. Deste total, pouco mais de 95% são homens. Das cerca de 50 mil mulheres privadas de liberdade, em torno de 28% estão em cadeias públicas (BRASIL, 2025).

De forma incisiva, as discussões sobre a segurança pública e o sistema prisional brasileiro frequentemente lançam luz e dão voz, como sinalizado por Diniz (2015), para os homens. Embora reflita a realidade estatística, esta centralidade contribui para a invisibilização de singularidades da experiência e assim do apagamento das demandas femininas no cárcere, como a falta de infraestrutura satisfatória e a prolongada permanência nestas condições. Em decorrência, observa-se repercussões como a fragilidade e por vezes, ruptura dos vínculos sociais e familiares, abandono de seus parceiros e parceiras, impactos sobre a maternidade pela impossibilidade do contato adequado entre mães e filhos, a fragilidade ou ausência de suporte apropriado para gestantes e puérperas, dentre outras.

Ao restringir o debate à perspectiva masculina, negligenciam-se as interseccionalidades que atravessam a restrição de liberdade de mulheres negras e pobres, cuja vulnerabilidade tende a se ampliar. Para além das precariedades mais visíveis, há ainda o comprometimento da formulação de políticas públicas sensíveis às realidades femininas, perpetuando a marginalização. Desse modo, as diversas formas restritivas de liberdade de mulheres não só reproduzem desigualdades de gênero, mas também as intensificam. Em consequência, a mulher encarcerada sofre dupla penalização: pela infração criminal e por transgredir expectativas sociais de gênero.

É sob esta premissa que este livro se coloca de forma potente e provocadora. Esta obra nasce do encontro entre universidade e comunidade, entre saberes acadêmicos e experiências de vida que, quase sempre, são invisibilizadas. As páginas que aqui temos são fruto do projeto de extensão “Grades em Transgressão” que propôs-se o objetivo de atravessar grades e criar espaços em que as palavras de mulheres circulavam e a reflexão produziu esgarçamentos.

Fundamentada no recurso analítico da 'Escrevivência', proposta por Conceição Evaristo (2007; 2020), a presente obra promove o borrão das fronteiras entre trajetórias de vida e a produção textual. Para além da descrição do cotidiano, a escrevivência permite que a produção escrita das mulheres em regime de restrição de liberdade transcenda a 'escrita de si' convencional, constituindo uma narrativa coletiva, através de uma escrita de nós. Ao articular essa prática, o projeto 'Grades em Transgressão' desloca aquelas e aqueles historicamente subalternizados da posição de objeto de análise para a de sujeito narrativo, contribuindo para conversão de condições de exclusão em instâncias de produção de conhecimento e resistência política.

O projeto “Grades em Transgressão” estabelece uma prática insurgente, isto é, uma ação que desafia normas institucionais e relações de poder hegemônicas (hooks, 2013). Como “extensão universitária insurgente”, organiza-se em torno de um compromisso ético: humanizar o olhar sobre o sistema prisional e de segurança pública, ao mesmo tempo em que amplia os horizontes de existências de mulheres subjugadas a múltiplas formas de exclusão. Ao integrar docentes, estudantes e colaboradoras em um trabalho interdisciplinar, reafirma-se a potência da universidade pública como espaço de crítica e transformação social.

A obra que aqui temos em mãos não é apenas um registro acadêmico, mas um testemunho coletivo. É um texto em que as autoras, provocadas, nos fazem provocações. Cada escrevivência aqui reunida carrega dor, mas também resistência e reinvenção. São narrativas que revelam como, mesmo em contextos de privação, a palavra pode ser território de criação.

E aqui reside o que julgo ser a grande preciosidade do texto das autoras: nestas páginas, a leitora é convidada e o leitor é convidado a escutar vozes silenciadas, e a reconhecer nelas não apenas relatos individuais, mas uma fala coletiva que existe e resiste. Ao longo das páginas nos deparamos com um texto que em seus entrelaçamentos nos afronta ao mesmo tempo em que comove.

Em suma, este prefácio é um convite à escuta atenta e solidária destas páginas que, espera-se, possam inspirar novas práticas acadêmicas, novas metodologias insurgentes e novas formas de pensar o papel da universidade. Este livro nos desafia a seguir ao inscrever no campo científico as narrativas de mulheres que historicamente foram silenciadas, mas aqui ganham protagonismo.

REFERÊNCIAS:

BRASIL. Ministério da Justiça e Segurança Pública. Secretaria Nacional de Políticas Penais (SENAPPEN). *Levantamento de Informações Penitenciárias: 18º Ciclo - 1º Semestre 2025*. Brasília, DF: SENAPPEN, 2026. Disponível em <https://www.gov.br/senappen/pt-br/servicos/sisdepen/relatorios/relatorios-de-informacoes-penitenciarias/relatorio-do-1o-semester-de-2025.pdf/view>

BANCO NACIONAL DE MEDIDAS PENAIS E PRISÕES (BNMP). *Painel estatístico*. Disponível em <https://portalbnmp.cnj.jus.br/#/estatisticas>

DINIZ, Debora. Pesquisas em cadeia. *Revista Direito GV*, São Paulo, n. 11, v. 2, p. 573-586, 2015. Disponível em <https://periodicos.fgv.br/revdireitogv/article/view/58123>

EVARISTO, Conceição. "Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita". In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (Org.). *Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

EVARISTO, Conceição. "A escrevivência e seus subtextos". In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Orgs.). *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

hooks, bell. *Ensinando a Transgredir: A Educação como Prática da Liberdade*. Martins Fontes, 2013.

Eneida Santiago
Janeiro/2026



AGRADECIMIENTOS



Agradecemos, antes de tudo, às mulheres privadas de liberdade que participaram das oficinas, por abrirem caminhos de escuta e partilha, por transformarem dor e resistência em verbo e verbo em potência. O livro nasce da intenção que suas escrituras ecoem para além das grades, alcançando pessoas que precisam de desvencilhar de preconceitos contra mulheres que vivem em situação de privação de liberdade.

À equipe da Cadeia Pública e aos funcionários, pela possibilidade de realização das atividades.

Ao projeto de extensão Grades em Transgressão Consolidação e Ampliação: Novos Horizontes de Inclusão e Inovação Social para Mulheres, por tecer com firmeza e ternura o encontro entre universidade e comunidade, entre o dentro e o fora, entre teoria e vida.

Ao Governo do Estado do Paraná, Secretaria de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior e ao Programa Universidade sem Fronteiras pelo suporte financeiro, por garantir as bolsas de estudo para a equipe do projeto.

À Universidade Estadual de Londrina (UEL), em especial a PROEX (Pró-Reitoria de Extensão, Sociedade e Comunidade) pelo apoio institucional.

Aos Departamentos de Geografia e de Psicologia da UEL, por oferecerem suporte institucional e caminharem ao lado de iniciativas que provocam deslocamentos e ampliam horizontes.

Aos docentes orientadores, pela escuta atenta, pelas provocações e pelo compromisso ético que costura pesquisa, território e responsabilidade social.

Ao diretor da Cadeia Pública de Santo Antônio da Platina, Marcelo Ferreira Quines por nos receber e dar o suporte necessário para que o projeto pudesse ser desenvolvido.

À Daniella Carneiro Perry Diz, pedagoga do Conselho da Comunidade Cadeia Pública de Santo Antônio da Platina, cujo apoio tornou possível a realização das atividades que deram origem a este livro.

Às bolsistas e colaboradoras atuais do projeto, que sustentam coletivamente cada etapa, cada gesto e cada palavra que atravessa este trabalho.

À Fernanda Alves de Lima, colaboradora que conduziu uma das oficinas com cuidado, presença e sensibilidade.

À Ana Laura Campos dos Santos, colaboradora, estudante do curso de Psicologia pelo trabalho de digitar as cartas.

Agradecemos a Conceição Evaristo, cuja escrita abre brechas e inspira travessias. É sob sua voz que compreendemos que escrever é também existir, e existir é um gesto político.

Desejamos que este livro seja semente, que a palavra siga desobedecendo, resistindo e reinventando o feminino em liberdade.

"A nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos"

- Conceição Evaristo.



Este livro é resultado de um encontro entre escrita, escuta e transformação. Nasce de uma experiência formativa e afetiva construída a partir da oficina de escrevivências conduzida por Fernanda Alves de Lima, como parte das ações do projeto de extensão Grades em Transgressão Consolidação e Ampliação: Novos Horizontes de Inovação e Inclusão Social para Mulheres, vinculado à Universidade Estadual de Londrina (UEL).

A iniciativa, teve origem no departamento de Geografia pelas professoras da área de ensino (Eloíza Cristiane Torres, Jeani Delgado Paschoal Moura, Margarida de Cassia Campos e Patrícia Fernandes Paula-Shinobu) que por meio de um trabalho de campo em outubro de 2022, se sensibilizaram pela falta de políticas públicas que garantissem as mulheres atividades de educação, saúde, cultura e lazer. Então organizaram na Universidade uma rede interdisciplinar de docentes, estudantes e colaboradores e criaram um projeto de extensão com o objetivo de unirem saberes e práticas em torno de um mesmo compromisso; humanizar o olhar sobre o sistema prisional e ampliar as possibilidades de vida e expressão das mulheres pessoas privadas de liberdade.

Entre setembro de 2023 e outubro de 2024 desenvolveu-se o primeiro ciclo de atividades com bolsistas, e entre dezembro de 2024 e novembro de 2025 o segundo, os dois financiados pelo Governo do Paraná, por meio do programa Universidade Sem Fronteiras. Sendo possível ofertar oficinas pedagógicas de caráter sociopolítico e cultural, grupos de escuta e acolhimento e ações voltadas à articulação de direitos e políticas públicas, tais iniciativas uniram os três pilares de uma instituição de ensino superior, pesquisa, extensão e ensino.

Acredita-se que o projeto tem se consolidado como um espaço de luta e criação coletiva, reunindo saberes de diferentes áreas — Geografia, Artes Visuais, Ciências Sociais, Direito, Psicologia, Pedagogia, Serviço Social e Ciências Sociais — em uma atuação interdisciplinar comprometida com a humanização das relações e a transformação social.

É nesse contexto que se insere a oficina de escriturências que originou este livro, inspirada no conceito proposto por Conceição Evaristo (2017), que compreende a escrita como um ato de resistência e (re)existência. A oficina propôs às mulheres privadas de liberdade a possibilidade de fazer da palavra um território de expressão e reconstrução de si, afirmando-as como sujeitas de memória, criação e voz.

As páginas que seguem são o testemunho dessas experiências. Mais do que relatos, são travessias entre dor e esperança, entre o silêncio imposto e a palavra que se afirma. Cada texto traz o gesto de quem escreve para não desaparecer, de quem faz da escrita uma forma de se reapropriar da própria história.

Ao apresentar esta obra, o Grades em Transgressão reafirma a potência da universidade pública quando se compromete com a vida concreta, com o sensível e com a justiça social.

Desejamos que a leitura convoque à escuta solidária, aquela que reconhece nas palavras dessas mulheres não apenas o registro de um tempo, mas o anúncio de um futuro possível.



Entre as paredes frias, onde o tempo parece se repetir em silêncio, nasce a palavra. Palavra que insiste, que resiste, que se escreve no corpo, nas lembranças, nas feridas e nas esperanças. Este livro é feito dessas vozes: múltiplas, fragmentadas, inteiras. Vozes de mulheres que, mesmo privadas de liberdade, reinventam-se através da escrita e, ao escrever, libertam-se um pouco.

Inspiradas pelo conceito de escrevivência, de Conceição Evaristo (2017), estas páginas se fazem testemunho e travessia. A escrita aqui não é mero exercício literário: é ato de sobrevivência, de denúncia e de criação. São narrativas que desafiam o silêncio imposto, que devolvem humanidade a corpos historicamente violados, apagados e marginalizados.

O projeto Grades em Transgressão Consolidação e Ampliação: Novos Horizontes de Inclusão e Inovação Social para Mulheres, da Universidade Estadual de Londrina (UEL), acolheu essas histórias com o compromisso ético de escutar e partilhar.

Nas oficinas realizadas, entre gestos de partilha e reflexão, o que se teceu foi muito mais do que um produto acadêmico, foi um encontro de mundos, de um lado, a universidade, com seu saber formal, de outro, as mulheres que carregam o saber da vida, das ruas, das dores, dos afetos e das ausências e lutas e resistência para existir. E, portanto, no diálogo entre esses saberes, algo novo germinou: uma escrita coletiva, insurgente, feminista.

Este livro é testemunho dessa sementeira, sendo para nós denúncia e cura, bem como um gesto político, e de amor como força que desestabiliza, que humaniza e que repara.

Ao ler estas páginas, convidamos que se escute o que por muito tempo foi silenciado, e convidamos a deixar-se atravessar por essas palavras que rasgam o concreto e florescem, mesmo em terreno árido. Porque, como nos ensina Conceição Evaristo (2017), nossas escrevivências não cabem em celas.



METODOLOGIAS INSURGENTES



A oficina foi estruturada a partir de uma abordagem dialógica e sensível, inspirada em Paulo Freire (1987) e no conceito de escrevivência, de Conceição Evaristo (2017), e pensada para promover um espaço de reflexão, reconhecimento e produção autoral entre mulheres privadas de liberdade.

A escrevivência nasce como um sopro que rasga silêncios antigos. É o brotamento do corpo, não apenas das mãos, mas da pele, das cicatrizes, da memória que insiste. Ainda, não há limitação apenas ao gesto de escrever, pois o ato vem antes das próprias letras. Como Conceição Evaristo (2020) nos mostra, a escrevivência é um modo de existir no mundo, de inscrever-se nele mesmo quando a palavra escrita nos foi negada por séculos. Por isso, ela se expressa também no desenho que emerge da memória, na música que geme ou festeja, na dança que contorna dores e esperanças, no canto que atravessa gerações. A escrevivência é a arte que brota onde ninguém esperava que houvesse jardim: nas cozinhas, nos becos, nos varais, nas celas, nos corpos que sobrevivem.

Quando dizemos que escrever é uma forma de resistir, falamos também de todas as linguagens que foram, para muitas mulheres negras, a primeira forma de narrar a própria vida. Antes da caneta, vieram a oralidade, o ritmo, os passos marcados no chão, o movimento das mãos que bordam, cozinham, cuidam, curam. Cada gesto pode ser escrevivência quando carrega a história que a sociedade tentou apagar. Cada batida de tambor, cada desenho improvisado no papel, cada melodia encontrada no silêncio é uma forma de afirmar: eu existo, eu sinto, eu deixo marcas.

Por isso, a escrevivência é mais ampla do que um texto, é uma estética da vida. Uma política da presença. Uma insistência em transformar o que fere em força e o que dói em criação. Isso pois, ela rompe o confinamento da página e se espalha pelo corpo, pelos afetos, pela memória coletiva. É resistência que dança, canta, fala, risca, rabisca, reivindica, reinventa. A escrevivência, assim, não apenas conta histórias, ela produz mundos. E cada mundo que nasce de um gesto criador é uma forma de liberdade.

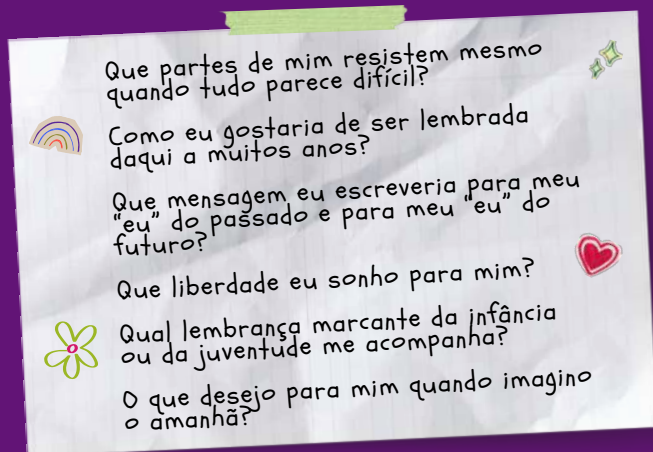
A metodologia articulou momentos de sensibilização, apresentação de referências, discussão coletiva e produção escrita individual, valorizando as experiências e repertórios das participantes. A atividade aconteceu no dia 19 de Setembro de 2025, tendo início com a apresentação da facilitadora e a explicação do objetivo central da oficina: convidar cada participante a escrever a partir de suas próprias experiências, reconhecendo-as como fonte legítima de memória, resistência e produção de saber. Esse momento inicial buscou criar um ambiente seguro, de escuta e confiança, fundamental para o desenvolvimento das etapas seguintes.

Em seguida, as participantes foram convidadas a pensar e verbalizar o nome de uma mulher que admiram, fosse uma figura pública, uma artista, alguém da família ou de seu convívio. Esse gesto inicial serviu como disparador para uma reflexão sobre as múltiplas formas de ser mulher e sobre os marcadores que atravessam essas existências. A partir das referências trazidas, foi apresentada a imagem da artista e cantora Linn da Quebrada, juntamente com trechos de suas falas que evidenciam a pluralidade de “mulheridades” possíveis. O grupo foi convidado a refletir sobre como a construção social de gênero opera restrições e, ao mesmo tempo, abre caminhos para reinvenções de si.

Na sequência, foram mostradas imagens e pequenas biografias de Sojourner Truth (1851), Alice Walker (1991), Conceição Evaristo (2017) e Lélia Gonzalez (2020), ressaltando como cada uma transformou suas vivências em força política, intelectual e literária. Esse percurso visual e narrativo situou e emergiu as mulheres participantes na genealogia de escritoras, intelectuais e pensadoras que fizeram da experiência uma forma de luta, denúncia, resistência contra o colonialismo, capitalismo, racismo e o patriarcalismo. A figura de Conceição Evaristo foi então apresentada e contextualizada introduzindo o conceito de escrevivência por meio de um trecho de sua obra, no qual a autora afirma a escrita das mulheres negras como gesto de retomada da palavra historicamente silenciada.

No momento seguinte apresentou-se a escritora e intelectual negra, Carolina Maria de Jesus, autora de Quarto de despejo: diário de uma favelada publicado em 1960, para ilustrar como a escrita pode emergir de contextos de marginalização e, ao mesmo tempo, produzir deslocamentos, reconhecimento e crítica social. Esse momento de sensibilização articulou-se imagem, fala, leitura e diálogo, de modo a preparar o terreno para a produção autoral.

Na etapa seguinte, cada participante recebeu papel e lápis ou caneta para registrar sua própria escrevivência. Foram apresentadas perguntas disparadoras, que tinham a função de inspirar, mas sem obrigatoriedade de resposta direta, permitindo liberdade formal e temática. Entre elas:



As participantes puderam escrever de forma livre, em formato de poema, desenhos, carta, diário, relato ou qualquer outra expressão que sentissem mais confortável. O tempo de escrita foi realizado em silêncio, preservando a concentração e a intimidade de cada processo. Ao final da oficina pedagógica, foi aberto um convite para que, voluntariamente, as participantes compartilhassem seus textos com o grupo, a partilha, ainda que opcional, construiu um espaço de reconhecimento mútuo, escuta e fortalecimento coletivo, aicineira teve o cuidado de reforçar que não havia certo ou errado, mas apenas a legitimidade de cada palavra escolhida.

A oficina foi encerrada com uma reflexão conjunta sobre o poder da escrita como forma de elaborar a própria história, ressignificar memórias e afirmar existências que, muitas vezes, foram marcadas por silenciamentos, inspiradas por autoras como Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus, as participantes foram convidadas a perceber que suas narrativas carregam força, afeto e imaginação, elementos que ultrapassam muros e desobedecem às fronteiras impostas.

Assim, as técnicas adotadas buscaram não apenas orientar a produção textual, mas sobretudo criar condições para que cada mulher reconhecesse sua própria voz como parte de uma tradição de resistência e criação que segue, apesar de tudo, inventando futuros possíveis.

A divisão dos textos em eixos temáticos surgiu de um processo coletivo realizado pelas colaboradoras do projeto. Após a leitura integral das escritas, foi iniciada uma discussão sobre os sentidos mais recorrentes nas cartas e sobre como agrupá-las de maneira que respeitasse suas singularidades, mas também revelasse os movimentos afetivos, simbólicos e existenciais presentes na escrita.

Desse trabalho emergiram três eixos principais:

**1 Esperança
e Liberdade**

**2 Arrependimento
e Ressignificado**

**3 Família e
Espiritualidade**

Ao todo, foram 33 cartas, distribuídas da seguinte forma: 13 no eixo Arrependimento e Ressignificado, 13 no eixo Família e Espiritualidade e 7 no eixo Esperança e Liberdade. Ressalta-se que essa divisão não tem a intenção de enquadrar rigidamente os sentidos das narrativas, uma vez que os temas se entrelaçam e atravessam, de modos diversos, a experiência de cada mulher. A classificação funciona como um apoio à organização e à leitura, mas, na vivência, os eixos coexistem, se tocam e se ampliam.

Durante o processo de digitação, algumas palavras, concordâncias e estruturas foram ajustadas à norma-padrão da Língua Portuguesa, buscando garantir fluidez e legibilidade ao conjunto. Esses ajustes foram mínimos e realizados com cuidado, preservando integralmente o conteúdo, o sentido e a intenção expressiva de cada autora. Por fim, optou-se por não incluir interpretações, análises ou comentários sobre os textos. Cada carta fala por si. Cada narrativa carrega a força, o silêncio e a potência de quem a escreveu. Cabe ao leitor encontrar seus próprios caminhos de leitura e tirar suas conclusões, permitindo que cada escrevivência ressoe de forma singular em quem a acolhe.

As atividades realizadas pela oficina pedagógica foram submetidas e aprovadas na Plataforma Brasil e no Comitê de Ética da Universidade Estadual de Londrina, com o número do parecer: 7.624.666.



ESPERANÇA E LIBERDADE



"Hoje eu gostaria de fazer as coisas diferentes, pois o passado não muda.

Mas, sei que ainda há tempo, que posso mudar minha realidade... Na verdade, vou me esforçar para isso, pois meu passado não vai definir meu futuro, para que eu possa ser a boa mãe que sou e dar um bom futuro aos meus filhos."

"No dia de hoje recebemos a visita das meninas da VEL, sempre que elas aparecem eu sinto que me traz esperança, na participação do trabalho de hoje tivemos a oportunidade de dizer um nome. Eu vejo nelas a presença da minha filha, pois cada visita ou palestra que elas fazem nos faz ficar felizes, alimenta nossa esperança. Hoje foram apresentações bem significativas sobre mulheres, representamos o nosso passado e falamos sobre nós e representamos o nosso Brasil. Para mim é maravilhoso fazer parte e aprender com pessoas mais jovens mas que nos mostram muito incentivo, é isso que por hoje tenho a dizer."

"Olá meninas maravilhosas que tem um enorme coração. Bom hoje eu vim para a oficina de vocês porque eu to tão feliz que não cabe no meu peito.

Eu admiro vocês um trabalho maravilhoso que vocês proporcionam para nós, eu acho o trabalho de vocês super legal e sem preconceito, nos trata nós de uma forma diferente, bem carinhosas com nós, eu adoro vocês e muito obrigada por tudo, este espaço e paciência com todas nós. Eu amei a oficina de hoje, tô falando de vocês meninas lindas, obrigada pelo seus trabalhos."

"No momento estou privada de liberdade e o que nos alivia é saber que tem pessoas sem preconceito, que acredita em nós. É muito bom ter contato com pessoas de fora, me trás um pouquinho de liberdade. Por exemplo as meninas da VEL, trás esperança e uma enorme vontade de fazer faculdade e no meu caso ver as minhas filhas formadas. Assim eu penso que nunca é tarde para recomeçar."

"Sempre fui bem de vida na medida do possível, infelizmente aos 15 anos entrei na vida das drogas o tão famoso "Crack", fui vivendo essa vida até os 37 anos, perdi família, perdi tudo e hoje por causa da droga me encontro presa, mas quando eu sair quero e vou mudar pois minha mãe e meus filhos vão me dar apoio e vou aproveitar essa oportunidade e mudar de vida.

Verdadeiramente meu sonho é ter um depósito de reciclagem e dar tudo que não dei para os meus filhos e minha mãe, amor, atenção e carinho."

"Na minha vida vivi muitos momentos, momentos felizes, momentos tristes, se fosse escrever acho que daria um livro até interessante, me lembro de momentos muito felizes na minha infância mas me casei muito cedo, bem novinha com 12 anos, me casei no circo onde trabalhei um bom tempo como artista.

O circo foi uma experiência muito boa na minha vida, conheci vários lugares viajando, conheci várias pessoas, tive dois filhos, mas também tive momentos não muito bons, mas foi mais momentos bons do que ruins.

De toda minha vida a pior que já conheci foi a que vivo hoje dentro da prisão, mas também tenho certeza que apesar de tudo alguma experiência vou levar desse lugar tão triste onde nunca imaginei passar, e quando sair a vida será bem melhor..."

"A coisa mais importante que me aconteceu foi o nascimento do meu filho, hoje ele está com 14 anos, idade que eu ganhei ele, ele é tudo para mim.

Agora vou falar um pouco daqui, eu quero sair daqui, meu sonho é me formar na agronomia, então saindo daqui vou trabalhar e estudar, vou tentar realizar meus sonhos. Também quero sossegar, conhecer um homem direito e trabalhador, casar e construir nossa família e ter a menina que sonho, eu queria ter um menino e Deus me deu e agora falta uma menina, enfim queria mudar de vida, construir minha família e realizar meus sonhos.

E só para falar, amei esse projeto que me ajuda a esquecer dos problemas e desabafar. Obrigada e parabéns, foi um prazer conhecer vocês e participar desse projeto."



ARREPENDIMENTO E RESSIGNIFICADO



"Eu tive uma infância muito corrida e cheia de obrigações, comecei a cuidar dos meus irmãos para meus pais trabalhar e muito nova tive minha primeira filha, de repente me vi com uma grande responsabilidade porque cuidar de um filho não é como cuidar de um irmão, ou outra criança qualquer, mas hoje tenho 5 lindos filhos e posso dizer que sou grata a Deus por ter eles na minha vida.

Se eu pudesse voltar no tempo, eu gostaria de ter terminado meus estudos, até mesmo me formado no que tanto sonhei, também jamais teria feito nada de errado para vim parar atrás de uma grade.

Hoje vejo que meu maior sofrimento é estar nesse lugar sabendo que as pessoas que amo hoje estão sofrendo por minha causa. Mas desejo recomeçar a fazer tudo diferente para aqueles que nunca me abandonaram e que quero mostrar tudo de outra forma."

"Queria que voltasse tudo, que eu vivesse lá fora tudo de novo. Uma coisa que marcou minha vida foi minha filha, o dia em que ela chegou em minha vida, que ela curou minha depressão, minhas mágoas do passado e agora não estou lá para dar tudo que ela precisa, só minha mãe que me ajuda muito e ainda vem me visitar, tudo que eu queria é poder sair e cuidar dela e dar o carinho que eu não dei esse tempo todo."

"Para começar eu era uma mulher completamente diferente do que sou agora. Antes eu era feliz e não sabia, hoje neste lugar a gente pensa nos mínimos detalhes, aqui você se torna uma pessoa completamente diferente, você se torna triste e solitária, você perde o seu brilho que tinha lá fora. Sempre fui uma mulher trabalhadeira, criei meus filhos sozinha, agora estou longe dos meus filhos e meus netos, mas nunca é tarde para recomeçar, tenho fé que assim que Deus me livrar deste lugar, porque eu tenho fé que logo minha vitória vai chegar, eu creio que vou fazer tudo diferente, vou curtir mais meus filhos e meus netos, minha filha é uma guerreira e tenho muito orgulho dela. É isso."

"Eu gostaria de conseguir mudar algumas coisas da minha infância, gostaria de ter sido mais criança, ter aproveitado mais, ter brincado mais, gostaria de ter terminado minha escola, gostaria de mudar o dia em que cai nesse lugar, deveria ter escolhido aproveitar meu filho de dois anos que já não vejo a um ano ao invés de ir fazer merda.

Uma memória: um dia no parque com meu filho ou quando eu ia buscar ele na creche.

Um desejo: reconstruir minha família com meu filho e meu marido, trabalhar honestamente e ter minha casa e minha vida de volta.

Vínculos: mãe, padrasto, irmãos, avó, filho, tias e tios.

Afeto: com meu filho, meu bem mais precioso, minha riqueza."

"Olha se eu pudesse mudar o meu viver eu mudaria um pouco do que já vivi lá atrás, porque eu fiz muitas coisas certas... Mas também muitas coisas erradas, se eu pudesse mudaria algumas coisas como: furtar, usar drogas. Esse tipo de sobrevivência eu não iria querer para a minha vida porque se eu não tivesse usado droga e furtado, eu teria estudado mais e trabalhado e não iria parar aqui nesse lugar, etc."

"Ser livre é saber escolher melhor em qual caminho devo seguir.

Me arrependo de coisas que não fiz e que deveria ter feito e de coisas que fiz que me arrependo amargamente de ter feito.

Estar presa é um mix de sentimentos aleatórios, ao mesmo tempo que você agradece a Deus pelo livramento da rua, você sente raiva, tristeza, solidão e principalmente saudade dos filhos.

Saudade da liberdade e dos filhos."

"O que marcou minha vida foi quando vim parar na cadeia. Se pudesse voltar atrás faria tudo diferente, me arrependo muito do que fiz."

"O que marcou minha vida foi depois que caí na cadeia, vi que não compensava essa vida do crime, se pudesse eu voltaria atrás e faria tudo de novo e começaria do zero a minha vida. Quando eu paro para pensar a minha vida do zero e se pudesse voltava atrás e faria tudo certo e tudo de novo, o crime não compensa."

"Mudaria meu passado, assim eu não teria vindo presa e estaria com meus filhos.

A XXX é uma mulher maravilhosa, ela sempre está de bom humor, é humana e imparcial, amiga de verdade, ela é incrível, tem uma educação e sempre ajuda o próximo sem esperar nada em troca.

Essa é a XXX, tenho muito orgulho de tê-la conhecido."

"Uma vivência que não gostaria de ter vivido.

No dia 06 de junho de 2024 por volta das 11h da manhã, acordei com o meu marido brigando com outra pessoa dentro da minha cozinha, pegaram a faca e tomei a faca deles e fiquei com ela na mão, tentando separar os dois que já estavam lá fora em frente a minha casa, o rapaz pegou um pedaço de madeira e começou a desferir pauladas em mim e no meu marido, pedi inúmeras vezes para ele parar mas ele não ouvia, então eu ainda com a faca na mão eu o golpееi no peito e infelizmente ele veio a óbito, chamei a ambulância e esperei a polícia no local e então me prenderam.

Estando aqui mais ou menos 1 mês veio a pior notícia que eu poderia ter recebido, o meu filho lindo de 15 anos tinha falecido, meu mundo caiu, minha vida acabou e eu não sabia o que fazer, os dias foram passando a saudade continua, mas tenho mais três filhos e não posso desistir, eu gostaria muito de ter mudado essa parte da minha vida."

"Só queria uma oportunidade para reescrever minha vida. Meus filhos, meu amor, minha vida, sou feliz por ter eles.

Quero a liberdade de volta. É muito sofrimento, não aguento mais, quero poder voltar a viver.

Saudades da minha família e dos meus irmãos, eu era feliz e não sabia.

Como queria que o tempo voltasse meu Deus, muitos sentimentos tristes, mas meu Deus é maior que tudo. Obrigado por mais um dia vencido atrás das grades."

"Tive uma infância feliz, me tornei uma adolescente revoltada e uma adulta infeliz e rebelde.

Gostaria de mudar, mas não consigo ver a luz no fim do túnel."

"Escrevivência

Minha vida se resume a uma avalanche.

Pois sem meus filhos comigo, tudo não teve mais sentido, meu filho é autista e precisava muito de mim, mas o destino me levou a fazer coisas que me trouxe para esse lugar, minha vida acabou assim que entrei nesse lugar, tudo perdeu o sentido, minha vida é assim um vazio dentro do meu coração que arranca as grades da prisão, eu quero sair daqui.

Uma página em branco Deus é o que eu quero ser. Reescrever minha história, me ajuda a vencer Deus, estende as tuas mãos e me tira desse chão, reescrevendo minha vida outra vez."



Família E Espiritualidade



"Eu XXX estou muito triste por estar vivendo os dias mais difíceis da minha vida, estou privada de liberdade com problemas de doença, com meu filho em uma clínica internado e meu marido internado com problema de coração ele está entubado, estou muito triste por não poder cuidar dele, do meu filho fico pensando o que pode acontecer se eu não estiver lá para dar um apoio, Deus tem misericórdia dos meus familiares e de mim, peço muito para Deus me levar desse cativeiro onde me encontro, Deus abençoe."

"Meu passado e minha infância.

Meu passado foi muito sofrido, tive uma infância bem sofrida, eu praticamente peguei quase o final do tempo sofrido de antigamente.

Fui criada com meu pai e minha avó, minha mãe separou do meu pai eu tinha 5 anos, daí eu cresci junto com minha vó.

Sofri demais com ela até os meus 12 anos de idade, principalmente na parte da comida, eu comia de comida o que ela queria dar para mim e outras duas irmãs, tinha vezes que ela dava até comida azeda pra gente comer.

Mas enfim, agradeço a Deus pelo sofrimento que eu tive na minha infância. Hoje só tenho a agradecer a Deus por estar firme e forte. Só não estou muito feliz porque eu estou aqui presa por uma coisa que eu não cometi, que foi um erro do meu filho que sofri para ter criado meus 3 filhos."

"Primeiramente, um bom dia cheio de paz e esperança abençoado por Deus.

Bom, neste momento não tenho muito a dizer, pois me encontro triste pelo fato de não estar com as pessoas que eu amo muito, mas a fé me motiva a não desanimar e acreditar que dias melhores virão.

Hoje em meio a tristeza eu agradeço a Deus, por me fazer enxergar a realidade da vida e por cada luta ser um dia de superação e conquista, e agradeço também minha mãe guerreira que nunca desistiu de mim e cuida dos meus filhos por mim, amando eles dando a eles a proteção do acolhimento.

Bom no momento é isso, gratidão por mais um dia de vida, obrigada."

"Hoje estou passando por uma fase onde me encontro muito boa que é quando saímos para fazermos uma atividade diferente e com pessoas diferentes.

Uma fase diferente com os meus filhos, aprendi que a saudade dói, longe de quem amamos.

Passei por coisas nesse lugar que pensava que não iria aguentar, mas Deus me deu a mão e me levantou, hoje meu maior orgulho que me espelho é minha família que me deu a mão e me levantou.

Obrigada por dar parte para falar um pouco de mim...

Filhos minha vida!"

"Eu mudaria a minha vida e a vida dos meus filhos.

Eu viveria hoje tudo aquilo que tenho vontade, eu sinto saudade dos meus filhos, esses sim fazem parte do meu viver, meu respirar e minha vida.

Tudo aquilo que hoje está difícil um dia irá virar lembrança, não posso falar de boa mas será uma pequena lembrança.

E a minha maior vontade hoje é minha liberdade, sonho com ela todos os dias, mas logo... logo... vai passar, Deus escreve certo por linhas tortas.

Meus filhos são as melhores coisas que eu tenho na minha vida, eu amo eles, mais que tudo na minha vida e logo vou estar com eles, a cadeia é longa mas ela não é perpétua."

"Eu me chamo XXX e me espelho em minha mãe, uma mulher guerreira que é mãe solo, criou 4 filhos sozinha, conquistou sua casa própria e teve a vida sempre muito sofrida e passados anos perdeu seu pai, já não tinha sua mãe pois faleceu ela tinha 10 anos de idade. E mesmo com tantas lutas ela nunca desistiu de nós da vida, tem 3 netos homens!

E hoje me encontro presa por um crime que não cometi, perdi o meu irmão com 4 meses de detenção e isso me abalou e penso em tudo isso. Minha mãe está firme e forte vindo me ver, traz meu filho de 6 anos para me ver que se chama XXX, um filho mais que abençoado!

E ela é minha base, minha estrutura, meu alicerce, o amor da minha vida! E se eu pudesse ter outras vidas, minha mãe sempre seria a mulher da minha vida e sou e serei a fã número 1 dela!"

"Minha filha é linda e me inspiro muito nela."



"O nascimento de meus filhos, XXX, XXX.
Antes eu não conseguia liberar o perdão, hoje
em dia consegui perdoar a minha mãe.

Eu agradeço muito a Deus pela minha mãe
ser uma mulher guerreira, o que aconteceu na
minha vida foi um livramento, hoje estou aqui
porque Deus tem um plano em minha vida, o
sofrimento aqui dentro nos ensina que o
crime não compensa, quando eu sair daqui
vou dedicar minha vida, á minha família e aos
meus filhos."

"Quando vi o nascimento do meu filho foi algo
que me marcou muito eu e minha mulher,
lutamos para termos um filho juntas e
quando isso aconteceu ficamos muito felizes,
presenciei o parto e tudo, acho que nunca vou
esquecer quando vi a carinha dele pela
primeira vez, ele quase nasceu dentro da
ambulância, mais 10 minutos e não teria
tempo de chegar no hospital."

"Nascimento dos meus filhos.

Ter sido presenteada pela minha irmã como madrinha do meu sobrinho. Saber que meus filhos estão se tornando homens responsáveis e de caráter.

Ter minha família, pai e mãe ao meu lado e por eles serem guerreiros.

Família presente de Deus."

"A minha alegria foi o nascer dos meus filhos que amo, e a saudade da minha mãe e meu pai que já se foi.

A pior coisa é estar aqui.

Saudade de casa, mas tenho fé em Deus e logo vou para casa."

"Um dos momentos felizes da minha vida e das vivências que me recordo, é quando eu era criança com meus pais e meus dois irmãos e a gente iria pescar em família. Foi uma vivência muito boa que guardo na minha vida.

E outra vivência que me marcou muito na minha vida foi no dia 02/07/2025 quando recebi a pior vivência da minha vida: o falecimento do meu pai e eu aqui presa."

"Quando eu era criança ao lado da minha família, eu me orgulhei da minha mãe XXX que foi trabalhar quando meu pai ficou desempregado, ele foi o homem da casa e garantiu todas as despesas da casa, eu me orgulhei por esse e outros motivos e as qualidades que minha mãe tinha, ela era grande exemplo de mulher e de mãe, hoje sinto muito a sua falta e tenho orgulho de ter sido filha dela."

PARA NÃO CONCLUIR...

A escrita fala por si.

Cada palavra encontra seu próprio caminho.

Que cada leitora e leitor receba o que tocar,
do jeito que puder.

A decorative floral illustration behind the title, featuring a large rose, several leaves, and a small basket filled with various flowers and herbs, rendered in a light green line-art style.

Referências



EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (orgs.). **Escrevivência** : a escrita de nós – reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Minar Comunicação e Arte; São Paulo: Itaú Social, 2020. p. 26-46. ISBN 978-65-992547-0-3.

EVARISTO, Conceição. Escrevivências: identidade, gênero e literatura. In: DUARTE, Constância Lima (org.). **Literatura e afrodescendência no Brasil**: antologia crítica. Belo Horizonte: UFMG, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GONZALEZ, Lélia. **Primavera para as rosas negras**. São Paulo: Zahar, 2020.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 1960.

TRUTH, Sojourner. **Ain't I a Woman?**. 1851.

WALKER, Alice. **No fundo do coração**: ensaios. São Paulo: José Olympio, 1991.

Este livro nasceu da escrita de mulheres inspiradas nas escrevivências de Conceição Evaristo. Nasceu do gesto de escrever para existir e reexistir, para sonhar e continuar vivendo. A oficina que permitiu que forças ancestrais atravessassem a escrita e projetassem caminhos foi conduzida por Fernanda Alves de Lima, jovem mulher, estudante do curso de Psicologia, apaixonada pela vida e defensora da liberdade de todas as formas de expressão, inspirada nas vozes de outras mulheres - Sojourner Truth (1851), Alice Walker (1991), Conceição Evaristo (2017) e Lélia Gonzalez (2020).

A oficina compôs as ações do projeto *Grades em Transgressão*. O projeto surgiu do encontro de vozes de mulheres da Universidade Estadual de Londrina que encontraram, no interior dos muros do sistema prisional, a ausência de direitos, a urgência da vida, o vazio das garantias e o pulsar urgente do direito à existência. Mulheres que encontraram fios que, tecidos por afetos e saberes, teceram horizontes onde antes havia apenas grades, silêncios, rotinas e esquecimento.

O projeto ganhou corpo por meio de oficinas, grupos de escuta construiu caminhos com cuidado, luta e esperança. Cada etapa, cada encontro planejado, cada palavra dita e escrita tornou-se parte de um trabalho coletivo que reconhece a universidade pública como espaço de presença, compromisso e justiça.

Foi desse terreno - áspero, duro, porém cheio de vozes vivas e pulsantes - que germinaram e brotaram as escrevivências aqui reunidas. Textos que não pedem licença para existir, mas reexistem e atravessam dores, gestam coragem e reconstroem pertencimentos. São vozes-mulheres inspirada em Conceição Evaristo em que recusam a invisibilidade, que encontram na escrita um modo de respirar, lembrar e recontar o mundo.

A leitura desse livro e a abertura de suas páginas, permitem a lembrança dos olhos d'água e das vozes de tantas mulheres que vieram antes de nós e lutaram para que essa escrita fosse possível. Este livro é, portanto, semente de futuros que se anunciam o florescimento de outras vozes quando a palavra, deixa florescer.

Dra. Marleide Rodrigues da Silva Perrude

Londrina, 13 de dezembro, primavera de 2025

NOSSAS REDES



INSTAGRAM DO PROJETO
[@gradesemtransgressao](https://www.instagram.com/gradesemtransgressao)



GMAIL
gradesemtransgressao.uel@gmail.com

APOIO



PPGeo - UEL



Departamento de Geografia



GRADES EM
TRANSGRESSÃO

Obrigada!



GRADES EM
TRANSGRESSÃO